



Clauder Arcanjo: tributo à mulher nordestina

Adelto Gonçalves

I

Mulheres fantásticas (Mossoró: Sarau das Letras Editora; Fortaleza: Edições Poetaria, 2019), reunião de dezoito pequenos contos, do cronista, romancista, crítico literário e contista Clauder Arcanjo (1963), que constitui um tributo ao realismo fantástico tão presente nas histórias do Nordeste brasileiro, na definição do próprio autor, tem como figura central a mulher e suas habilidades únicas, que tanto intrigam os homens, que, muitas vezes, buscam em vão explicações para o seu comportamento. Não foi para tentar encontrar essas respostas que o Clauder Arcanjo escreveu estes contos, mas, principalmente, para realçar estes mistérios.

Para tanto, tratou de imaginá-las como elementos da natureza, objetos e até animais, como galinha, sapo, abelha, mas sem cair no tratamento chulo das palavras, ou ainda forças naturais, como ventania, maré e nuvem, ou sentimentos, como saudade, mostrando com leveza e bom humor os dramas que ocorrem no relacionamento entre homens e mulheres. Na visão do autor, os homens se mostram frágeis e incapazes de compreender a sensibilidade delas.

As histórias – ou causos, no linguajar popular nordestino – se dão num vilarejo, Licânia, que seria engravado no sertão do Ceará e que aqui funciona como a Yoknapatawpha, de William Faulkner (1897-1962), a Macondo, de Gabriel García Márquez (1927-2014) e a Santa Maria, de Juan Carlos Onetti (1909-1994), cidades fictícias que atuam como núcleo vital de assuntos literários ou ainda entidades míticas. Licânia, aliás, é o título do primeiro livro de Clauder Arcanjo, publicado em 2007, que reúne contos que já trazem essa ideia de reunir num local mítico histórias e personagens que se movimentam num mundo pícaro, habilidade que o autor haveria de sedimentar em Cambono (2016), romance em que presta homenagem a esse gênero tão ibérico.

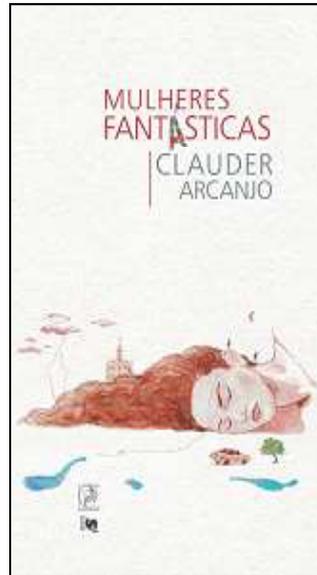
No prefácio, Dimas Macedo, professor, jurista e membro da Academia Cearense de Letras, observa que Mulheres fantásticas “pode ser lido como uma reunião de crônicas e memórias, quanto fragmentos daquilo que se pode fazer com a magia das mulheres e com a áurea de suas fantasias”. E acrescenta que, para a Literatura, “as mulheres e seus arquétipos são fontes de inspiração que nunca se esgotam, especialmente quando concertadas por um escritor de talento, como é o caso do autor deste livro”.

II

No texto de apresentação, a poeta Kalliane Amorim ressalta a adesão de Clauder Arcanjo ao realismo fantástico, gênero que despontou na América Latina na década de 1940, mas encontrou o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, e que, no Brasil, não alcançou o mesmo impacto, embora tenha influenciado escritores importantes como José J. Veiga (1915-1999), Moacyr Scliar (1937-2011) e, especialmente, Murilo Rubião (1916-1991), cujos contos combinam uma visão realista do mundo com elementos mágicos que são inseridos em cenários cotidianos.

Diz Kalliane: “A incredulidade e o espanto do homem diante da mulher que se transforma em sapo, que acende uma cidade inteira, que é portal para as travessias da vida, ou diante do mais fantástico que é, nesses dias em que vivemos, estar diante de uma mulher que acolhe, escuta e alimenta, na certeza de que essa mulher pode ser qualquer uma de nós – eis a beleza do fantástico que emerge no trivial da vida, sob a pena de Clauder Arcanjo”.

O livro foi escrito em homenagem à professora potiguar Aíla Sampaio (1965-2017). Arcanjo pretendia fazer um livro em coautoria com ela, cada um escrevendo seus contos. Ele já havia escrito o primeiro e mostrado a ela, que já estava escrevendo o segundo conto, quando veio a falecer em novembro de 2017, de câncer. Por isso, o livro é dedicado a ela in memoriam.



III

Antonio Clauder Alves Arcanjo, ou apenas Clauder Arcanjo, nascido em Santana do Acaraú-CE, é graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará, Ao lado do romancista e jurista David Medeiros Leite, é um dos fundadores da editora Sarau das Letras, de Mossoró-RN, que já lançou mais de 300 livros. Produz e apresenta na TV a cabo Telecom (Mossoró) o programa cultural Pedagogia da Gestão. É membro da Academia Mossoroense de Letras, da Academia Norte-rio-grandense de Letras e da Academia de Letras do Brasil. Mora em Mossoró desde 1986. Em 2017, recebeu o título de cidadão norte-rio-grandense, que lhe foi concedido pela Assembleia Legislativa.

Por alguns anos, foi cronista semanal do jornal Gazeta do Oeste, de Mossoró, e usou durante muito tempo o heterônimo Carlos Meireles (homenagem aos poetas Carlos Drummond e Cecília Meireles) para resenhar textos literários, colaborando em sites, revistas e jornais de várias partes do País. Atualmente coordena, no Jornal de Fato, o Espaço Martins de Vasconcelos e escreve para a versão online do jornal O Mossoroense e para revista cultural Kukukaya, entre outros veículos literários.

A reunião de contos, intitulada Licânia, contos, marca a sua estreia em livro em 2007. É autor também de Lápis nas veias (2009), minicontos, Novenário de espinhos (2011), poemas, Uma garça no asfalto (2014), crônicas Pílulas para o silêncio/Pildoras para el silencio (2014), aforismos, edição em português-espanhol, com tradução do poeta peruano Alfredo Pérez Alencart, professor da Universidade de Salamanca, Espanha, Cambono (2016), romance, Separação (2017), contos, O Fantasma de Licânia (2018), novela, A província em exílio (2019), discursos, e Sinos/Campanas (2019), poemas, com tradução também de Alfredo Pérez Alencart. Entre seus trabalhos inéditos, o autor tem obras nos gêneros poesia, crônica, minicontos, romance e resenhas literárias.

Em 2003, recebeu menção honrosa no Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, promovido pela Fundação José Augusto, de Natal. No ano seguinte, foi distinguido com nova menção honrosa, desta feita na categoria contos dos Prêmios Literários Cidade do Recife. Com Pílulas para o silêncio, ganhou o Prêmio Geir Campos, da União Brasileira dos Escritores, seção do Rio de Janeiro.

Mulheres fantásticas, de Clauder Arcanjo, com prefácio de Dimas Macedo e ilustrações de Raisa Christina. Mossoró-RN: Sarau das Letras Editora /Fortaleza: Edições Poetaria, 167 págs., R\$ 40,00, 2019.
clauderarcanjo@gmail.com

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Barcelona Brasileira, Bocage, o Perfil Perdido, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo Colonial, Os Vira-latas da Madrugada e O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797, entre outros.*
marilizadelto@uol.com.br



O Bem-te-vi e o Poeta

Ivana Maria França de Negri

Muito eu poderia escrever sobre o amigo Irineu Volpato. Sobre seus mais de 80 livros, ensaios, poemas, contos. Sobre suas poesias que tinham a marca inconfundível de um linguajar próprio, abusando das liberdades poéticas que escorriam pelo papel, e suas fotos, que eram poemas visuais.

Simples, às vezes rude até, italiano teimoso e birrento, mas que ocultava sob o peito um imenso coração. Inventou de fazer poemantos, fotemas, motemas, e seu principal assunto era mesmo a roça, a terra, as aves livres voejando no céu. Não colocava título nos poemas, outra de suas marcas.

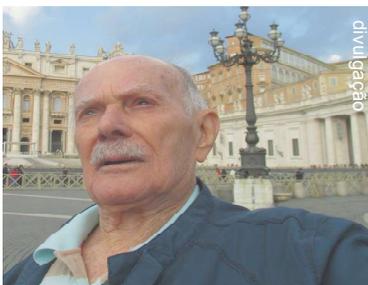
Pois bem, no último dia quinze de Outubro, sua alma passarinha alçou voo. Parentes e amigos estavam a velar o corpo enquanto o padre dava a derradeira bênção. Nesse instante de silêncio, despedida e dor, ouviu-se um som estranho, vindo da janela do velório. Um bem-te-vi batia o biquinho com força e insistentemente no vidro, até o padre falou algo sobre o pássaro, que assim ficou até o final da bênção. Voejava, ia e voltava, batia o bico na vidraça, até que partiu.

Todos os presentes que assistiram a cena se emocionaram, pois ele amava as aves, principalmente os bem-te-vis.

Consegui captar a imagem rapidamente com meu celular antes que o pássaro partisse.

Mistérios que põem a gente a pensar...

Ivana Maria França de Negri é escritora, poeta e membro da Academia Piracicabana de Letras.



Irineu Volpato

Na bagagem, carinho

Evaldo Balbino

Faz meses que um ex-aluno meu do Mestrado Profissional em Letras, o Lucas, me convidou para um dia eu falar a alunos seus sobre Adélia Prado. Passaram-se alguns meses, e eis que agora entrou em contato comigo para o evento. Ele mora em Varginha/MG, e lá trabalha como professor de Português e Literatura nas redes pública e privada, na Educação Básica, um dos alicerces de uma cultura.

Na atual etapa escolar na rede SESI dessa cidade, os professores trabalharão com alunos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental o livro *Bagagem* da autora divinopolitana. Com prazer, me prontifiquei a conversar mais um pouco sobre essa autora de minha predileção.

Deu-se o encontro nesta semana, no fim da manhã de segunda-feira, dia 25/10/2021. Foi remoto, de minha parte em relação a eles. Seguindo os protocolos impostos pela COVID-19, professores e alunos me receberam de máscara e com o devido distanciamento social. Uma tela me mostrava os docentes e os estudantes, para os quais minha imagem foi projetada num telão.

Bem recebido por todos, comecei a falar da obra de Adélia, com o receio de pecar pelo excesso de teoria e de crítica acadêmicas, visto eu não conhecer os alunos e, obviamente, não vir acompanhando seus conhecimentos sobre poesia e teoria da poesia. Estou acostumado a lecionar para essa faixa etária, mas esta foi a primeira vez que palestrei para um grupo dessa faixa. Antes já tivera experiências com grupos assim, porém como escritor e não como professor/pesquisador.

Eu disse, em pouquíssimos minutos, a respeito das minhas pesquisas sobre a autora. Logo me concentrei no *Bagagem*. E comecei a discutir com eles o que chamei na minha dissertação de mestrado "os compartimentos da bagagem poética" da autora mineira. Comentei sobre o modo poético adeliiano, o discurso amoroso, a questão da memória metaforizada na imagem da sarça ardente bíblica. E lhes expliquei sobre a planta em chamadas diante de Moisés, a presença de Deus se fazendo fogo sobre a sarça sem-

pre verde, nunca se queimando. E disse-lhes que assim é a memória, esse processo incessante em todos nós. Expliquei a última parte do livro, "Alfândega", composta por um único poema de mesmo título, texto este que nos ajuda e muito a compreender o livro e a obra toda da escritora.

Para cada parte de *Bagagem*, fomos lendo e comentando poemas que eu selecionara para nosso bate-papo. Me surpreendi com a desenvoltura dos estudantes na leitura dos poemas. O tom de voz, o sentimento posto nos versos, o respiro que a leitura de poesia demanda. Tudo foi fantástico. Apesar da distância entre mim e eles, nós conectados pelas virtualidades internauticas, pude sentir o carinho de todos. Ao final, duas alunas pediram para ir diante da câmera e se despedir de mim com agradecimento.

Momentos após o encontro, Lucas entrou em contato comigo pedindo meu endereço, pois queriam me enviar um presente num gesto de gratidão. Hoje, quarta-feira, dois dias depois, me chegou o afeto refeito num delicado arranjo de flores e num belo cartão trazendo paz divina: uma linda pomba voando em alto-relevo com um ramo de oliveira no bico, a citação amorosa do Evangelho pleno de São João, uma mensagem da carta aos Efésios e outra manuscrita por Lucas e suas colegas Elidiane, Milene e Luciana. As duas turmas escolares também assinam o cartão.

Saí deveras alegre do encontro, e com o desejo de que todos possam fazer a leitura integral do livro, com um amor tão grande como o que sempre nutro por essa obra. A sarça em chama de Moisés (o Deus pousado em forma de fogo) e a sarça ardente da memória em Adélia Prado são pura poesia brotando sempre em mim. E queimam, crepitam desde sempre e para sempre, como quando eu era criança e minha professora do primário me ensinava a fazer uma composição sobre a Festa Junina e ela escrevia na lousa fria a frase chamejante: "A fogueira crepitava no terreiro". As palavras, assim encadeadas, bastavam para me deixar poetizado.

Evaldo Balbino é escritor, poeta e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: evaldo_balbino@yahoo.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Laureados com Medalhas de Mérito Cultural e Poético

Alexandre Abdo, Francicis Yoshi Kawa, Geraldo Magela, Jeovania Pinheiro, Jéssica Iancoski, Rosani Abou Adal, Sheina Leoni Handel e Xandy Novaski foram agraciados com Medalhas de Mérito Cultural e Poético Anos 2020/2021.

A láurea é promovida pelo Projeto Poetizar o Mundo que foi idealizada pela poeta e escritora Isabel Furini.

Criado em 2010 com o objetivo de valorizar poetas, escritores, jornalistas, artistas e ativistas culturais com excelentes trajetórias no mundo das Letras, além de realizar trabalhos em prol da Literatura e da Cultura.

Alexandre Abdo é poeta, escritor, comunicador, jornalista, designer gráfico, artista plástico, ator, diretor de TV, radialista, Doutor Honoris Causa em Comunicação.



Alexandre Abdo

Francicis Yoshi Kawa é escritor, romancista, contista e formado em Ciências Contábeis pela UFPR. Autor de *Um Olhar no Mirante*, entre outros livros.



Francicis Yoshi Kawa

Geraldo Magela é poeta, promotor cultural e idealizador do CuTU. Cando a Inspiração, projeto mensal em que poetas e prosadores paraenses que se apresentam, por meio de performances, no palco do Teatro Universitário de Curitiba (TUC).



Geraldo Magela

Jeovania Pinheiro é poeta, escritora, promotora cultural, professora, educadora e mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba.



Jeovania Pinheiro

Jéssica Iancoski é poeta, editora e ilustradora. Escreveu e ilustrou mais de dez livros infantis. Autora de *1910 - A História que o mundo conta*.



Jéssica Iancoski

Rosani Abou Adal é poeta, escritora, jornalista, editora, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



Rosani Abou Adal

Sheina Leoni Handel é poeta e Presidente da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia. Membro do Conselho de Administração dos Cuadernos de Educación y Desarrollo por Uruguay-Eumed.net.



Sheina Leoni

Xandy Novaski é jornalista, roteirista e diretor. Formado em Produção e Direção para Rádio e TV, com especialização em Roteiro para Teledramaturgia e Cinema.



Xandy Novaski

Poema bonsai

Olivia Ikeda

Há hora de calar
E hora de dizer.
O amor sabe brincar
De se esconder.

Olivia Ikeda, escritora, poeta e advogada, foi uma das poetas homenageadas da 33ª edição do Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético.

O POETA

Amaryllis Schloenbach

Oferece a dor íntima
em holocausto
às dores do mundo.

Amaryllis Schloenbach, poeta, escritora, cronista, tradutora, jornalista e advogada, foi uma das fundadoras da Seção Municipal de São Paulo da União Brasileira de Trovadores.

CERRADO EM CINZAS

Lucinda Persona

A vida hoje
está mais difícil do que nunca

Contra o céu não visto
se ergue a fumaceira das queimadas
O asfalto lá fora (como chapa quente) coagula ovos
e a minha roupa incendiou-se ao meio-dia

Seria o coração do inferno
se a tristeza não operasse
em gotas de esperança e súplica
ao que ainda resta
Essa macabra fuligem
dentro de casa e da vida
Essa névoa escura do cerrado em cinzas
folhas à morte
penas de seriema
pelos de anta
películas de cobra
Sou como sou
Não dou um passo sequer à dissimulação.

Lucinda Persona é escritora, poeta, bióloga, professora e mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Marcelo Henrique, de Amparo: um cronista de alto tom

Gabriel Kwak

Merece consideração o novo e aliciante livro de crônicas de Marcelo Henrique, *Retratos e Retoques* (Foca Editora, adm@graficafoca.com.br). Algumas dessas pensatas já eram endereçadas para quem tinha o privilégio de integrar o *mailing* do poeta amparense.

O menu — ainda bem! — é multifário. Nesse “trivial variado”, Marcelo Henrique sai em defesa do que chama de “loucos de Deus” — benzedeiros, curandeiros e magos — e revela estar amiúde próximo deles. Também dissertou com muita propriedade sobre o que ocultamos de sentimentos a partir da linguagem corporal (“Do corpo e seus sinais”). Em comovidos preitos de saudade, o ex-assessor da Casa de Cultura da Prefeitura amparense reverencia mestres e amigos que o influenciaram como o maestro Georges Henry, o professor José de Campos Guerra e o historiador José Eduardo Pimentel de Godoy, cognominado “Siruga”, todos já no descanso eterno. Na galeria dos vivos, homenageia o excepcional jurista e ex-presidente da Academia Amparense de Letras, Adib Feres Sad, hoje nonagenário.

Impensável seria, nesta apertada síntese opinativa, inventariar tudo que saiu da pena rutilante de Marcelo. Teríamos de relacionar suas iniciativas como gramático, poeta maiúsculo, cronista e — de uns anos para cá — comentarista político (sempre lúcido e SÓBRIO, algo escasso em tempos de tanta radicalização tóxica), a lembrar o mestre do gênero, Villas Bôas Correia.

Em tempos em que abordar assuntos políticos de interesse da sociedade é incômodo, Marcelo se sente à vontade para comentar as

mazelas e agruras da nossa coletividade.

O leque temático variado comporta a experiência do cronista no Tiro de Guerra da mesma cidade de Amparo, no já distante ano de 1989. Desgostava ao moço montar e desmontar com expedição peças de um obsoleto fuzil. Tratavam-se de armas arcaicas, que manipulavam ali, de “eficácia duvidosa”. Conta o cronista encarando sob a toga de memorialista: “(...) na remotíssima hipótese de combate, teríamos, todos, que utilizar o fuzil ou à maneira de taco de beisebol ou, o que é mais provável, à maneira de raquete de tênis.”

Mas, ao fim da crônica, demonstra não nutrir arrependimento em ter servido o TG, inclusive, porque o grupo se comprometeu com campanhas humanitárias meritórias, revelando raro pendor de benemerência. Recordou em *beau geste* os amigos que serviram o Tiro de Guerra, inclusive, vincando-lhe os nomes.

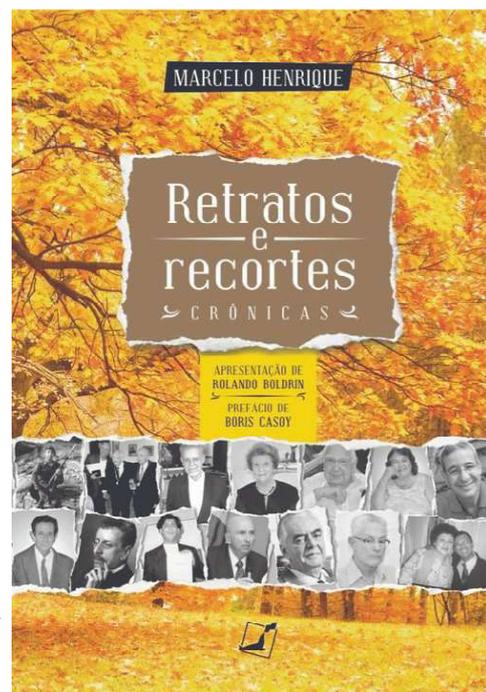
O cronista lembrou como sua infância pobre não o impediu de perseguir o acesso à leitura, até hoje chave para seu saber. Mereceu ser retratada em crônica, destarte, até a presença de um improvável *le-*

prechaun no interior da sua residência responsável pelo sumiço de pertences (como uma via da conta de energia elétrica) e por travessuras como “desaparafusar” uma cadeira do seu quarto. Em boa ou má hora — não há a conclusão de Marcelo a respeito disso — ultimamente o duende não mais “apareceu”.

Buscou conhecer, travar amizade e — por que não dizê-lo apadrinhamento — com o ex-presidente Jânio Quadros, cuja vida revirei do avesso para dar à luz meu livro *O Trevo e a Vassoura: os Destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros* (2006).

Marcelo aproximou-se de Jânio nos últimos anos do homem da Vassoura. O resultado desse antológico encontro entre admirador e ídolo lê-se em livro que fez excelente carreira, *Jânio Quadros Sem Retoque*, atingindo duas edições, em bonita apresentação gráfica todas as duas “dentições”, a de 2001 e a de 2011.

Em outra deliciosa crônica,



Marcelo Henrique louva a funcionalidade da “videochamada” do aplicativo *WhatsApp* como um exemplo de recurso tecnológico que aproxima as pessoas, um antídoto possível contra os momentos solitários. É isso aí...mas o cronista perspicaz alerta para a pertinência da combinação de horário para tais telefonemas não arranharem a etiqueta e não surpreenderem o interlocutor desavisado...

Intérprete da alma humana, Marcelo patenteia nessas crônicas de *Retratos e Retoques* sua acentuada sensibilidade, que se suscitibiliza com a crueldade humana e com a convivência com seres que se julgam superiores, enfatuados. O cronista aqui examinado é digno do renome que lhe aureola a figura de escritor vocacionado. Haja vista a Apresentação assinada por ninguém menos do que o incomparável Rolando Boldrin e o Prefácio de autoria do amigo Boris Casoy, veterano até hoje em boa forma realizando seus comentários na televisão.

Gabriel Kwak é escritor, jornalista, revisor e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVI

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



As minhas memórias com Vicente Cechelero

Wilson Luques Costa

Tive a oportunidade de conviver com esse magnífico poeta pelas ruas aqui de Sampa; pude recebê-lo em casa também. Poeta de difícil convívio, porém de refinada estirpe.

Não obstante os prêmios em vida, foi, a meu ver, boicotado por uma igreja que se instaurou e se insatura nocivamente aqui no Brasil, igreja essa deletéria ao Brasil e a nossa poesia.

Visitei-o num Hotel, próximo ao antigo Correio Central. Perambulava, pelas ruas de Sampa, incógnito, vendendo os seus papiros egípcios. Prezava pela forma. Abominava todo fazer poético gratuito. Percebia quem se imiscuia em sua amizade para tirar-lhe benesses. E se escrevo não é também com esse intuito.

Confidenciou-me muitas vezes as suas predileções poéticas; lembro-me de Blake, Keats e outros — dizia-me da procrastinação da defesa de mestrado na USP em Borges, como citou em seus dois belos livros. Muitos não o toleravam; e ele por sua vez não os tolerava também; falava da má poesia de seus contemporâneos. Elogiou Alexei Bueno e um poeta do Nordeste. Não gostava de Drummond.

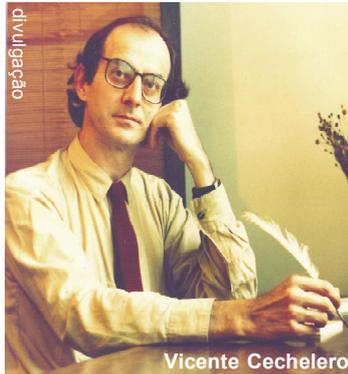
Disse-me assim: Wilson, aonde se chega escrevendo Boi Tempo? Tinha uma cizânia literária, que poucos compreendiam. Mas tinha consciência de seu valor universal. Certa vez, tive que correr com ele pela rua Dom José de Barros, porque pensava que era Chamie em seu encalço.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas

Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 -
soninhaabou@gmail.com



Vicente Cechelero

Frequentei a Mario de Andrade com ele. Ríamos ao vermos os poetas adulando poetas já consagrados. Ele tinha fel na sua escrita, mas era um ser humano puro. Era como um deus do olimpo, que caíra num Hades, sem retorno. Conhecemo-nos na frente da Biblioteca Mario de Andrade.

Comprei seu livro *Língua das Sombras* e inebriei-me com a sua poesia. Depois, em visita em minha residência na Zona leste de São Paulo, num dia de finados, dedicou-me o seu livro *Só Matéria do Mundo*; foi cordial comigo chamando-me de poeta. Mas eu não acreditei.

Ele era irônico também com os seus próximos. Melindrava-se à toa também. Estava sempre em refrega. Recordo-me observando com ele a arquitetura europeizada de São Paulo.

Quase perdi a minha correitora de seguros, porque falávamos só em literatura e poesia. Depois ausentei-me dele, por conta de outras atividades. Víamo-nos pouco.

Certa vez, queixou-se de dores. Dizia-me que tomava dorflex. Disse-lhe para se cuidar e ir ao médico. Coisa que provavelmente não fez.

Preferiu cantar, como se diz, em latim, para a sua grã mater, o último canto de um grã-cisne-poeta.

[Vicente Cechelero (14/01/1950 - 16/04/2000)].

Wilson Luques Costa é escritor, jornalista, professor e poeta. Autor de *Contos de Arrabalde*, *Os Granizos dos Deuses* e *O Paradoxo do Zero*.

INÉDITO

Teresinka Pereira

A poesia é sempre nova.
Difícil é embelezá-la de acordo com a ocasião.

Uma só aventura,
uma escovada no tempo e aqui ela está:
arco do triunfo sonhado!

Mas vem a noite e a tormenta,
as paisagens douradas,
o fruto longínquo,
o amor perdido,
e o fogo no sangue.

Vem a noite e um implacável golpe terrível nos mostra que continuamos tão desertos e tão virgens como a ausência.

Teresinka Pereira é escritora, poeta, tradutora, presidente da Associação Internacional de Escritores e Artistas - IWA e Doutora em Filosofia e Línguas Neo-Latinas da University of New Mexico, USA.

VER VERÔNICA

Nelson Marzullo Tangerini

Por que olhas
minh'alma
com teus olhos claros,
como se a vida fosse clara,
límpida?

A vida é dura
e dura tão pouco.
Mas teus olhos claros tentam
clarear o que a vida
fez em nós: máculas
e endurecimento.

Clareias minh'alma inquieta,
imperfeita e obscura.

Nelson Marzullo Tangerini é escritor, professor, jornalista e poeta.
nmtangerini@yahoo.com.br

Desenhando a vida

Isabel Furini

solfejar palavras
de madrugada
tecer metáforas
no tear das Parcas
entender que a vida
é uma escola
e as lições
podem produzir feridas
batalhar no dia-a-dia
e
(apesar dos dissabores)
ensaiar novos passos
de dança
e manter aceso
o fogo da esperança

Isabel Furini é escritora, palestrante, educadora, editora, membro da Academia de Letras do Brasil (PR) e Consulesa da Academia Poética Brasileira.

O livro E EU SEI FAZER VERSOS? autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.



R\$ 35,00 com suplemento atualizado. Encomendar para lola@prtagarcia.com



Tela

Celly Mollytor

Sai pelas ruas, passos mancos,
 agora o joelho range, lento, tenso.
 Passou por aqui o tempo,
 a semente, já árvore.
 Agora entende que não poderia ser.
 Livramento!
 Se, se e se.
 Gélido emocional. Razoabilidade.
 É preciso ser, plasmar e fazer.
 Sair do verbo e da espera.
 Agora o caminho cansa, chegar seria bom.
 Já estar, seria melhor.
 A volta das casas e das suas festas,
 vozes alegres, espalhadas no vento.
 Passos param. Contemplação.
 A tinta escorre e assina a obra.
 Não há mais lágrimas.

Celly Mollytor é escritora, poeta, professora e pós-graduada em Gestão e administração hoteleira na instituição de ensino Senac São Paulo.

A CEIA DAS POMBAS

Raymundo Farias de Oliveira

Os sinos da igreja
 anunciam as horas
 com duas potentes badaladas
 cravadas no silêncio da tarde
 as pombas vão chegando felizes
 em colorida revoada
 pousam na sombra do vasto
 arvoredado da praça e ficam
 bicando a calçada onde encontram
 a comidinha de todos os dias...
 espetáculo arrebatador
 esse encontro festivo das pombas!
 Tanta gente com fome por aí
 procurando comida no lixo
 e as pombas se refestelando
 em plena praça pública
 na ceia de todas as tardes
 com aqueles inefáveis pulinhos
 de alegria...elas são inocentes
 não tem culpa de nada!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de Sob o Céu de Jerusalém, Poemas da Madrugada, entre outras obras.

Pandêmico XI

Carlos Moura

Pandemia covidiana, chegou o seu fim
 tens os dias de sua existência contados
 Você me impôs um sofrimento sem igual
 chegou a vacina: não és mais absoluta!

Fui obrigado ao "distanciamento social"
 a multiplicar labor em casa, não a gosto
 Impedido do convívio com os queridos
 pensei comigo, falei apenas o coloquial

Proibido fui de abraçar os meus amigos
 de ter nos braços a inspiradora amada
 e praticar, feliz, o lazer diário preferido...
 Perdas que me deixam a vida marcada

Privações modificaram minha jornada:
 redução ou fim de atividades laborais
 me retiraram a renda fixa e a eventual
 A mim, restou o escambo e nada mais

Sucumbirá, você, sob o vacinal ataque
 enquanto sinto aproximar a liberdade...
 Então comemo a finalização da covid:
 a morte do coronavírus é a felicidade.

Carlos Moura é escritor, jornalista e coordenador do Sarau do Jornal.

Em novembro, ele chega
 e se debruça sobre a casa.
 Extenso, intenso, pétalas em brasa,
 o Flamboyant avisa
 que a equação do tempo é precisa,
 que o ciclo do ano já termina.
 Espalho as rimas
 sobre a terra em sua curvatura.
 Deixo-as ao sol e ao vento
 porque é ao relento
 que a poesia brota e amadura.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de Chão de Vento, Limão Rosa, Florescência, entre outros livros.

A Fatura da Esperança

Rosani Abou Adal

Caminhava alguns passos,
 parava, sentava e descansava
 em algum banco, em algum degrau.
 O peso dos anos sobre os pés,
 o corpo exausto do trabalho braçal,
 a mente desconectada do próprio cansaço.
 Dava mais alguns passos.
 Chegar em casa, uma eterna caminhada.
 Preocupado com as notícias
 sobre a reforma da Previdência.
 Como sobreviveria com seu mínimo salário,
 pagaria o aluguel do quarto na comunidade,
 as contas de água, gás e luz...
 Trabalhar era sua sina
 para poder se alimentar
 e comprar remédios não fornecidos
 pelo posto de saúde.
 Como poderia sobreviver?
 Queria acabar com sua missão na vida
 e descansar no colo da paz.
 Como poderia resistir?
 Mal tinha forças para caminhar,
 quanto mais para trabalhar
 de auxiliar de pedreiro.
 Como teria forças para
 carregar sacos de cimento?
 Como sobreviveria sem ter
 para o pão de cada dia?
 Cansado, almejava partir
 para a nova morada.
 O pão sobre a mesa,
 deu um gole café ralo
 e sonhou com sua mesa farta
 de carnes, pães e misturas.
 A xícara de café nas mãos marcadas
 pelas pedras do tempo.
 Deu mais um gole, respirou fundo
 e viu a fatura posta em sua mesa,
 repleta de esperança.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

Manchetes em Versos

poemetos de Rosani Abou Adal

Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>





O Vigor de uma Nova Linguagem

Dimas Macedo

Textos de alta costura literária qualificam a obra de Carlos Nejar. E sob qualquer dos seus ângulos, sua poesia é voraz e criativa, referta de solidão e de memória, de desrazão e de delírio, que se abrem para uma caverna, assim como *Os degraus do arco-íris* escalados pelo escritor em um dos seus romances.

A substância e a forma de uma obra em negro desfilam na escritura desse poeta de luzes que se extenuam, e de modulações que se projetam próximas ao cânon e à fuga.

A explosão criativa de Carlos Nejar pode ser conferida em cada um dos seus livros, e até na sua atividade de crítico, território no qual se destaca como leitor e engenheiro da nossa história literária.

A riqueza do seu vocabulário e a escansão musical dos seus versos, as suas aliterações e a sede de inventividade fazem da sua trajetória de esteta, um edifício de portas intangíveis, assim como as personagens de *Os invisíveis [tragédias brasileiras]*, por ele defendidas e que cantam em suas misérias a alienação do Brasil.

Desde a sua estreia com *Sé-lesís*, em 1960, a sua produção não para de crescer. Seus livros constituem uma obra aberta, antológica e autológica a um só tempo, mas *Os viventes*, de 2010, ultrapassou os seus horizontes, e as suas vozes aí se foram reunindo.

Fixar um sentido para a sua criação é uma tarefa que não cabe à crítica literária. A transfiguração dos seus textos e as linhas de força da sua unidade morfológica nos permitem ouvir uma música por onde transitam as suas palavras.

Carlos Nejar é poeta que se reinventa e que nasce para o novo a cada momento da sua criação, assim como se pode observar na tessitura desses fragmentos que

se destilam para a liberdade.

Este volume de poemas reúne três livros inéditos de Nejar: *Pássaro-Eternidade; Ad Gloriam, ou no fundo de uma agulha – Sonetos; e Caligrafia do céu*, aos quais se acresce *Tratado de bom governo* (em segunda edição, revista e ampliada), “tudo em estado de severa poesia”.

As formas da alegoria e da sintaxe se alternam nas páginas deste livro, como se *Água de eternidade* fosse a represa de todo o percurso poético do autor, como se aqui residísse uma suma e um sentido esférico da sua intuição criativa.

A concepção desta obra é estado de Graça a que chegou Diego Mendes Sousa. A série a que este conjunto pertence, *Item de Colecionador*, da Editora Penalux, já publicou a poesia de Antonio Cicero e de Antonio Carlos Secchin, de forma que Carlos Nejar se reúne a esse dueto de poetas.

Os tercetos da primeira parte do livro; os poemas brancos e de solta memória da segunda parte; os sonetos escandidos do terceiro bloco; e os prosopoeias do último segmento congregam uma liturgia de grande ressonância, espelho e síntese da alma do poeta.

Em toda a sua sinfonia de artista, Nejar se mostra irmão do vento e das estrelas, íntimo das quimeras e dos astros e arauto de uma língua fugidia que nos atravessa e renova.

A decomposição da palavra e a reconstrução do desejo por via de uma nova linguagem é desafio que seduz os melhores escritores, e dentre os grandes poetas do Brasil, Carlos Nejar se destaca, com *Água de eternidade*, livro que o faz vigoroso na idade inaugural dos oitenta anos.

Dimas Macedo é escritor, poeta, professor, jurista e membro da Academia Cearense de Letras.

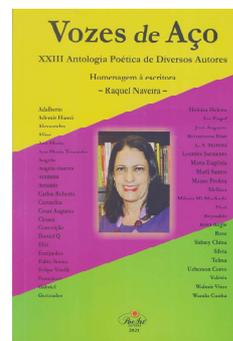
Alice Spíndola Más Acá Y Más Allá de Brasil, ensaio de José Pérez, Universidad de Oriente, Venezuela, bilíngue português/espanhol, 66 páginas.

ISBN: 978-65- Revisão e tradução de Rina de Castro Miranda e Alice Spíndola.

José Pérez é escritor, professor, poeta, ensaísta, contista, narrador e Doutor em Filologia Hispânica pela Universidade de Oviedo, Espanha.

A obra reúne ensaio de José Pérez sobre a autora de *O Fio do Labirinto*, fotos e poemas de Alice Spíndola.

Alice Spíndola: alice.spindola@hotmail.com



Vozes de Aço - XXIII Antologia Poética de Diversos Autores, Homenagem à escritora Raquel Naveira, PoeArt Editora, Volta Redonda (RJ), 104 páginas. ISBN: 978-65-86744-31-6.

A obra reúne 48 autores, de dez estados brasileiros, classificados no XXI Concurso Nacional PoeArt de Literatura 2021, divididos em duas modalidades de participação: Cinco Primeiros Colocados e Poetas Selecionados.

A escritora Raquel Naveira, homenageada pela antologia, é retratada com o registro sobre sua importante trajetória e sobre sua história na cultura brasileira.

PoeArt Editora: poearteditora@gmail.com

O Menino Davi e sua Caderneta Mágica (Literatura de Cordel), Iracema M. Régis, Futurama Editora, 100 páginas, São Paulo.

ISBN: 978-65-87856-37-7.

A ilustração da capa e do miolo são de Neli Maria Vieira.

A obra foi premiada pelo PROAC - Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo.

A autora é escritora, poeta, jornalista, cordelista, ensaísta e cronista.

Iracema M. Régis: imregis@bol.com.br



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Irineu Volpato

Irineu Volpato, poeta, escritor e professor, faleceu no dia 15 de outubro, em Piracicaba (SP). Nasceu em 11 de novembro de 1933, em Piracicaba, em Paraíso, hoje Paraisolândia. Ele estava doente e hospitalizado. Autor de *Poemantos*, *Vária Vereda*, *Como não levar nossa sombra com a gente?*, *Paulistarum Terra Mater*, *Samambaias Sairas mais Socós*, *Poemeus*, *Sagaracontos*, *Esta Noite é Lua Demais*, *Derradeira Plumagem*, entre outras importantes obras de ensaios, hinos e contos.

Os E-books da Editora Cepe *A emparedada da Rua Nova* (Carneiro Vilela), *Viagem ao Brasil* (Peter Hansen), *Uma literatura nos trópicos* (Silviano Santiago), *Talvez precisemos de um nome para isso* (Stephanie Borges), *Um espião silenciado* (Raphael Alberti), *João Cabral de ponta a ponta* (Antonio Carlos Secchin), o jornal literário *Pernambuco*, *Literatura, meu fetiche* (Italo Moriconi), *Fisiologia da composição* (Silviano Santiago) e *Barléu: História do Brasil sob o governo de Maurício de Nassau* são os mais vendidos da editora. cepe.com.br/lojacepe

Graham Lawton, jornalista da revista britânica *New Scientist*, lançou *A Origem de (Quase) Todas as Coisas* pela Editora Seoman.

Maria Valéria Rezende é a escritora homenageada da 4ª FLIMA – Festa Literária Internacional da Mantiqueira que será realizada, de 5 a 15 de novembro, com transmissão pelo canal da FLIMA no YouTube.

Paulo Rosenbaum, médico, articulista e romancista, lançou o romance *Navalhas pendentes* pela Caravana Grupo Editorial.

Silas Corrêa Leite lançou *Transpenumbra do Amargedom*, pela Desconcertos Editora, primeiro livro de fantástica ficção

científica escrita ao longo de dez anos.

Nelson Marzullo Tangerini, professor e autor de *O professor de o poeta - Cartas de Carlos Drummond de Andrade a Nelson Marzullo Tangerini*, falará sobre seus livros, no dia 19 de novembro, na Escola Parque São José, Rua Adriano, 67, no Méier, Rio de Janeiro (RJ).

A Atriz Fernanda Montenegro foi eleita membro da Academia Brasileira de Letras, no dia 4 de novembro, para ocupar a Cadeira nº 17 que pertenceu ao acadêmico e diplomata Affonso Arinos de Mello Franco, falecido no dia 15 de março de 2020. É autora de *Fernanda Montenegro: Itinerário Fotobiográfico* e de *Prólogo, ato, epílogo* em parceria com Marta Góes.

A 20ª Bienal Internacional do Livro do Rio será realizada de 3 e 12 de dezembro, no Riocentro, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. <https://bienaldolivro.com.br/>

Damon Galgut, escritor sul-africano, com a obra *The promise*, foi agraciado com o prêmio Booker Prize. Receberá a importância de 50 mil libras esterlinas.

Mohamed Mbougar Sarr, autor senegalês, foi laureado com o Prêmio Goncourt com *La plus secrète mémoire des hommes* que foi editado pela Philippe Rey.

Igor Lopes, jornalista e escritor luso-brasileiro, lançou *Açores em Cores* pela Editora Present Celebration, com apoio do Governo açoriano, por meio da Direção Regional das Comunidades. igorpereiralopes@gmail.com

Notícias

A Revista Literária VOO LIVRE dedicou um caderno especial a Dalila Teles Veras, poeta, escritora, ativista cultural, professora de Literatura, proprietária da Livraria Alfarrábio e doutora honoris causa pela Universidade do ABC.

Gilberto Gil, músico, cantor, compositor e ex-ministro da Cultura, foi eleito para ocupar a cadeira nº 20 da Academia Brasileira de Letras que pertenceu ao jornalista Murilo Melo Filho, falecido no dia 27 de maio de 2020. É autor de *O poético e o político e outros escritos*, com Antonio Risério; *Gilberto bem perto*, com Regina Zappa; *Cultura pela Palavra*, com Juca Ferreira e *Disposições amoráveis*, com Ana de Oliveira.

Ivana Maria França de Negri lançou o livro infantil *A Lenda do Cobrona*, da coleção *Lendas de Piracicaba*, com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, em outubro. A contadora de histórias Monika contou a lenda. Também foi apresentado o Projeto Livro com Pezinhos para elas. As ilustrações são da sua neta Ana Clara de Negri Kantovitz.

Ruy Castro, escritor, biógrafo e jornalista, foi agraciado, pelo conjunto de sua obra, com o Prêmio Machado de Assis de 2021 da Academia Brasileira de Letras. É autor de livros de reconstrução histórica, sobre o samba-canção, a Bossa Nova, Ipanema e o Flamengo e das biografias de *Carmen Miranda*, *Garrincha* e *Nelson Rodrigues*. É cidadão benemerito do Rio de Janeiro.

A Livraria Leitura inaugurou mais uma loja no Shopping Jardim Sul, no bairro do Morumbi, em São Paulo.

A IV Semana do Livro e da Biblioteca, promovida pelo Instituto Federal de São Paulo, *Campus Campos do Jordão*, com realização online da Biblioteca Pedro Paulo Filho, disponível no canal do YouTube, contou as participações do Secretário de Valorização da Cultura de Campos do Jordão Benilson Toniolo e do professor Valmir Luis Saldanha da Silva. www.youtube.com/c/IFSPCJOOficial.

Amar, Verbo Intransitivo, de Mário de Andrade, foi lançada em formato de audiolivro pela Tocalivros Studios. A produção é narrada pela atriz e escritora Adélia Nicolette.

Gastronomia no Câncer – Nutrindo a Vida, lançado pelo Grupo Rosa e Amor, reúne receitas fáceis para uma dieta equilibrada e funcional que auxiliam pacientes em tratamento oncológico para mudarem hábitos alimentares e para pessoas interessadas em nutrição saudável e qualidade de vida de forma preventiva. A obra, elaborada pela Equipe de Nutrição Funcional do Rosa e Amor, disponibiliza receitas elaboradas pelas nutricionistas Fátima Aparecida Grotolli, Maria Elisabeth Pelegrini e Rosani Aparecida Turra.

A Livraria da Vila inaugurou nova loja no Shopping Morumbi, Av. Roque Petroni Júnior, nº 1089, Nível Superior, Loja 103/104S, em São Paulo, que abrigará aproximadamente 20 mil livros, jogos, brinquedos educativos e artigos de papelaria. A unidade da alameda Lorena, nos Jardins, funcionará até janeiro de 2022. Em março, será reinaugurada em novo ponto na mesma rua.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br